

Professores anunciam greve a partir de 2ª feira

IMPASSE NA EDUCAÇÃO

Professores param na segunda

Sem acordo salarial, docentes da rede privada de BH e de outras 400 cidades de MG decidem entrar em greve por tempo indeterminado. Sindicato das escolas se diz aberto ao diálogo

ROGER DIAS E CIER SANTOS*

Os professores das escolas privadas de Belo Horizonte decidiram ontem, na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, entrar em greve por tempo indeterminado a partir de segunda-feira. Depois de semanas de negociação, a categoria teve o pedido de reajuste negado pelo sindicato patronal.

Os professores da rede particular de ensino reivindicam uma recomposição salarial de 19,7%, acrescida de 5% de ganho real, além das perdas inflacionárias. De acordo com os docentes, a oferta das escolas é de 5% de reajuste para profissionais do ensino básico e 4% para os de ensino superior.

A greve está prevista para ocorrer nas instituições privadas de Belo Horizonte e de outras 400 cidades de Minas abrangidas pelo Sindicato das Escolas Particulares de Minas Gerais (Sinep-MG). Somente duas escolas ficaram sem aula ontem, de acordo com a entidade.

Os professores relataram insatisfação e fizeram 10 reuniões até agora com o sindicato patronal, mas não houve avanço nas negociações. Por causa disso, a intenção é que eles façam mobilizações pontuais nas escolas hoje e amanhã para dar início à paralisação na próxima semana.

Ontem, os professores realizaram assembleia geral e anunciaram paralisação, a exemplo do que ocorreu em 24 de maio. No último encontro, que ocorreu na terça-feira, a vereadora e professora de literatura Duda Salabert (PDT) estava presente e manifes-

tou seu apoio à causa. Ontem, ela também participou do protesto e reafirmou que a recomposição salarial é necessária para fortalecer a categoria novamente.

A presidente do Sindicato dos Professores de Minas Gerais (Sinpro), Valéria Morato, disse que a categoria tenta recuperar perdas altas nos salários dos últimos anos: "A greve não diz respeito primeiramente a nenhum direito a menos. O sindicato patronal insiste em retirar direitos dos professores e professoras do setor privado. Além disso, demonstra desvalorização no modo como trata os professores quando oferece 5% para educação básica e 4% pro ensino superior, sendo que o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) de 2022 é 11,73%", argumentou. Ela acrescentou também que o valor do reajuste proposto não recompõe nem a metade do INPC de 2022.

Já o Sinep informou que a grande maioria das instituições particulares de ensino ainda se encontra muito impactada, financeiramente, por conta das sérias consequências originadas pela pandemia. Antes da assembleia da semana passada, professores relataram casos de assédio moral por parte das escolas. Elas estavam exigindo que os funcionários assinassem documentos para informar se participariam ou não da paralisação. O Sinep negou.

Em nota, o presidente da entidade, Winder Almeida, afirmou que não há sentido em os educadores fazerem greve, já que há uma negociação em andamento: "Consideramos inoportuna e pro-

motora de enorme prejuízo, em diversos aspectos, esta orientação de paralisação das atividades profissionais dos docentes das instituições particulares de ensino".

Ele entende que o esforço será para que haja um diálogo e tudo termine bem: "Reiteramos nossa abertura e nossa disponibilidade nesta caminhada, sem abrir mão do comprometimento de quem, em tempos que exigem cuidado e responsabilidade, cumpre este papel com fidelidade e lealdade junto à instituição particular de ensino mineira e a todos os que dependem de sua sustentabilidade".

ÚLTIMA PARALISAÇÃO A última vez que os professores de escolas particulares de Belo Horizonte e região entraram em greve foi em 2018. À época, os pais dos alunos se dividiram em apoiar as reivindicações dos educadores e protestar contra as escolas que não ofereciam o volume de aulas previsto em contrato. Na ocasião, a paralisação durou 10 dias e os professores também pediam, entre outras reivindicações, um reajuste salarial superior ao proposto pelas escolas.

A preocupação de muitos pais em 2018 se repete diante da possibilidade de nova greve: não ter onde deixar os filhos durante o período de trabalho. Há quatro anos, houve também iniciativas isoladas de pais que ameaçaram processar as escolas por quebra no contrato de prestação de serviço, já que as aulas foram paradas em muitos colégios.

* Estagiária sob supervisão da subeditora Rachel Botelho



EDÉCIO FERREIRA/EM/D.A. PRESS

A paralisação foi aprovada em assembleia na sede do Legislativo mineiro: professores reivindicam recomposição salarial de 19,7% e as escolas oferecem 5%

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais Pagina: 11